

## A CONQUISTA DA ÁGUA\*

*Denise Bernuzzi de Sant'Anna\*\**

Apresento aqui algumas reflexões resultantes de uma pesquisa que desenvolvo atualmente, financiada pelo CNPq, e que obteve muitas contribuições do meu trabalho como orientadora no Programa de Pós-Graduação da PUC-SP e de duas bolsistas de IC, integradas a este projeto (bolsa PIBIC-CNPq). Ao longo das investigações nos arquivos e bibliotecas, essa pesquisa, intitulada “A emergência do conforto na cidade de São Paulo”, despertou-me um interesse crescente pelos equipamentos de conforto relacionados ao abastecimento da água na cidade. Dito de outro modo, a água se tornou a problemática central de nossas análises.

Contudo, não demorou muito para que a água se revelasse um objeto de pesquisa por vezes fluido demais, por vezes excessivamente opaco ou, ainda, o que é pior, um objeto capaz de expressar inúmeras histórias, mediante linguagens nem sempre audíveis para os ouvidos de quem, como eu, tem uma relação tensa e conflituosa com o espaço no qual esse objeto está sendo analisado. Esse espaço é o da cidade de São Paulo.

Ora, em nosso País, a conquista da água, assim como aquela de todo equipamento destinado a proporcionar conforto, é sempre incompleta, reveladora de uma desigualdade secular entre aqueles para os quais a passagem do luxo ao conforto é uma realidade cotidiana, e aqueles para os quais essa passagem não ocorreu, pois o conforto lhes é ainda um grande luxo. Em vários momentos de nossas investigações, tínhamos a impressão de que realizar a história do conforto era, na verdade, um grande luxo, mais ligado ao supérfluo do que ao necessário, ao fausto de poucos do que à trivialidade de muitos.

---

\* Comunicação apresentada no XIV Encontro Regional de História, ANPUH – PUC-SP.

\*\* Professora do Departamento de História, PUC-SP.

Na verdade, a fronteira entre luxo e conforto parecia, muitas vezes, frágil, ou mesmo inexistente. Esse aspecto da história estudada nos pareceu bastante instigante, na medida em que ele não nos permitia forjar conclusões precipitadas e simplistas sobre o objeto estudado. A clássica distinção entre luxo e conforto oferecida por alguns pesquisadores europeus, por exemplo, que já haviam se debruçado sobre tais temas, não se aplicava mecanicamente, nem facilmente, à situação analisada na cidade de São Paulo.<sup>1</sup> Basta lembrar que, na década de 1870, por exemplo, enquanto a indústria de equipamentos de higiene e de conforto começava a ser exaltada com frequência nos jornais e nas atas da Câmara do Município, muito do conforto existente no cotidiano das famílias abastadas não era garantido apenas, ou principalmente, por banheiras, canos de esgoto, água encanada, entre outros equipamentos industriais. Pois grande parte do conforto dessas famílias dependia da mão-de-obra escrava.

Além disso, a história do conforto é ampla e dispersa: vai do estabelecimento do serviço sanitário à emergência dos eletrodomésticos, passando pelos meios de transporte e comunicação de massa. Por isso, era preciso fazer um recorte. Escolhi e fui escolhida pelos confortos e desconfortos trazidos pela água. Escolha que ocorreu em meio a um passeio que fiz nesta cidade, logo após uma das tantas inundações aqui ocorridas depois de uma época de chuvas. E, para aguçar as minhas reflexões, a paisagem que pude contemplar era semelhante àquela posterior a enchentes de outras épocas: desabamentos de moradias, transbordamento de rios e ameaça de doenças. Além disso, nos meios de comunicação de massa, as explicações também eram muito semelhantes àquelas do passado: “a culpa das enchentes é do crescimento exagerado da cidade”, ou então “dos barracos que foram se estabelecer muito próximos dos rios”. E, a seguir, as promessas políticas eram igualmente semelhantes às de outras épocas: era preciso acabar com as enchentes, diziam alguns, pela adoção de uma medida técnica “realmente moderna”.

Ainda acreditando que após o dilúvio vem a abundância, percebi que tanto hoje como no passado, bastou o sol sair dias depois para que a mídia esquecesse os barracos desmoronados, a necessidade de combater doenças ou de investigar as causas das enchentes.

Ora, na medida em que a pesquisa sobre o conforto se desenvolvia, eu percebia que outras situações de similitude entre passado e presente ocorriam diante da presença

---

1 Entre eles, destacamos: P. Perrot, *Le luxe, une richesse entre faste et confort XVIII-XIX siècle* (Paris, Seuil, 1995); H. Baudrillart, *Histoire du luxe privé e public depuis l'Antiquité jusqu'à nos jours*, 4 vols. (Paris, Hachette, 1978-1980).

da água, e não somente da presença indesejada da água (como a das enchentes), mas também os momentos em que a água era bem-vinda, ou então aquelas ocasiões, não raras, em que ela se transformava em mercadoria, objeto de comércio, devendo portanto ser dessacralizada, desnaturalizada, submetida a uma série de trabalhos de purificação, encanamento, consumo e despejo. Por isso a água começou a me parecer um objeto de estudo revelador de antigos problemas da cidade e, principalmente, um objeto fluido o suficiente para me permitir transitar por vários espaços urbanos, ajudando-me a passar de territórios públicos à esfera do privado, a atravessar moradias abastadas e pobres, tempos antigos e épocas atuais, sem, contudo, eliminar desses espaços-tempos as diferentes relações de poder e suas singularidades. Afinal, atrás do automatismo do gesto de abrir uma torneira e obter água em abundância, podemos encontrar uma longa história nada tranqüila, repleta de disputas e de alianças entre autoridades públicas e religiosas, entre comerciantes, engenheiros, médicos e a população pobre.

Mas esta história é, igualmente, o testemunho da progressiva transformação das sensibilidades de homens e mulheres comuns, moradores pobres e ricos da cidade, em relação aos odores, ao paladar e à visão. Sensibilidades que se modificam, principalmente, ao sabor das invenções técnicas destinadas a contribuir na limpeza e distribuição das águas: canos, sifão, banheiras, torneiras, chuveiros, reservatórios, tanques... objetos técnicos que traçam no corpo da cidade uma nova geografia, por vezes subterrânea, na medida em que ganham suas entranhas e nelas inscrevem, com vias de canos e sistemas de circulação, os sonhos do progresso.

Mas para canalizar a água foi necessário, de certo modo, domesticá-la. Acrescentar à imagem da purificação que lhe fora atribuída há séculos aquela das vantagens da higiene para a saúde e para a civilização dos costumes. Há ainda a sua transformação em objeto de estudos, em produto industrial e em mercadoria. O que não poderia deixar de sugerir a emergência de usos da água totalmente novos, da culinária às produções industriais, passando pelos cuidados com os corpos, nas casas e nas escolas, pelo tratamento dado às vestimentas e aos lazeres. Usos que incluem a coleta, a triagem, a purificação, o armazenamento, a circulação, o consumo e o despejo de diferentes tipos de águas.

Percorrer a cidade através dessas vias aquáticas, que se modificam no tempo e no espaço, detectar as especificidades dos trabalhos sobre esses fluxos, é, enfim, uma maneira escrever uma história ainda pouco conhecida, repleta da atualização de antigas visões paradisíacas de fontes de águas cristalinas e também de gargantas secas, ruas

poeirentas, lamaçais insalubres e uma infinidade de reclamações que se estendem até os nossos dias, denunciando uma constante falta de água na cidade de São Paulo.

Ao mesmo tempo, a pesquisa tem me revelado que a água é um bom exemplo para pensar a tendência conhecida de todos nesta cidade, de privatizar amplamente o que é natural e o que é ou deveria ser público. Da mesma forma, ela é um bom veículo para revelar a existência de profissões, experiências sociais, paisagens, sensibilidades e objetos técnicos hoje esquecidos: refiro-me, por exemplo, ao trabalho dos aguadeiros, muitos deles imigrantes portugueses, da presença dos vinagreiros, acusados das arruaças com a água na cidade, da existência de bicas e fontes hoje soterradas pela terra e pela história, além da presença das Casas de Banho e da sociabilidade nelas reinante, ou dos comerciantes especializados no aluguel de banheiras para as famílias abastadas ou, ainda, dos antigos chafarizes.

A presença de toda essa rede heterogênea de profissionais e costumes do passado não excluía, contudo, a manutenção de usos sagrados da água, graças à existência de fontes e bicas consideradas, ora pagãs, ora cristãs, e cujas lendas indígenas foram em muitos casos soterradas com o advento dos encanamentos modernos. A transformação da água considerada venenosa na bica do Acu para as águas em seguida consideradas boas e até mesmo santas naquele local, hoje avenida São João (uma referência sagrada ao batismo e à pureza nova do lugar), é um exemplo lapidar dessa tendência, fartamente comentada por memorialistas.

Mas os caminhos da água são interessantes também porque revelam certas surpresas, que me são ainda hipóteses de estudo: assim, por exemplo, em primeiro lugar, posso concluir, mesmo que seja ainda de modo provisório, que a rede de água encanada não parece ter vindo instituir uma rede de fato. Muito pelo contrário: ao que tudo indica, o paulatino encanamento da água e o surgimento da Companhia da Cantareira e, depois, da Repartição de Águas e Esgotos, significaram dotar de invisibilidade a antiga rede de água natural feita de rios, fontes, bicas que se espalhavam pela cidade. Melhor dizendo, a canalização das águas contribuiu para o desaparecimento de inúmeras bicas e pontos de água outrora espalhados pelas chácaras, pomares, matagais. E o advento dessa canalização não significou, forçosamente, a substituição dessa espécie de rede natural de água já existente por uma outra rede, agora criada graças à técnica e à ciência. Pois a canalização das águas não chegou a se constituir, de fato, segundo o desenho de uma verdadeira rede, de um verdadeiro rizoma, quero dizer, um sistema descentrado, denso, extenso e portanto democrático.

Em segundo lugar, posso provisoriamente concluir que a criação da Companhia Cantareira não parece ter sido um momento de total ruptura na história da água, tal como propõem certos registros realizados pela atual Sabesp, por exemplo. E, além disso, é preciso considerar o quanto, desde a emergência dos chafarizes no século XVIII, o controle da água já era visivelmente uma estratégia de poder bastante utilizada.

Esta pesquisa me oferece também a oportunidade de cruzar diferentes sensibilidades diante da presença do homem pobre em suas disputas pela posse ou usos da água na cidade. Assim, por exemplo, enquanto os fiscais com funções policiais costumavam registrar o mal-estar provocado pelo vozerio das brigas e “vinagreiras” ocorridas em torno dos chafarizes, alguns religiosos afirmavam ser o chafariz um lugar silencioso. Essas duas versões sobre um mesmo fato podem sugerir o quanto a sensibilidade para ouvir o dito vozerio varia de acordo com os interesses de quem ouve: os religiosos tinham interesses em manter os chafarizes em seu espaço de poder, enquanto que os fiscais sempre foram intolerantes com a presença da voz e dos corpos dos pobres. O que revelava o quanto o *volume* desse vozerio não era o mesmo, interferindo diretamente no modo de compreender as ações da população pobre no espaço urbano.

Essa variação ocorre também em relação às imagens da quantidade de água disponível na cidade: segundo diversos viajantes, São Paulo era um lugar com muitas fontes, muitos rios, bucólicas bicas, paradisíacos pontos de água. Enquanto que para muitos memorialistas, a falta de água era uma constante, as águas malsãs abundantes e as potáveis, raras.

Além disso, variavam ainda as tecnologias empregadas para a coleta, transporte, consumo e despejo das águas e, com essa variação diversificavam também as suas características. E quanto mais essas variações se tornavam funções industriais, mais uma cidade subterrânea era construída: uma ossatura de canos por onde deveriam passar diversas águas começou a repousar debaixo de nossos pés, subir as paredes de casas e prédios e revelar a potência e as fraquezas do que se passa na superfície da terra. Cidade tecnológica e subterrânea que exige trabalhadores do subterrâneo, e que afasta cada vez para mais longe as margens da cidade onde se vai buscar a água para a canalização.

Por fim, gostaria de ressaltar que a metodologia de pesquisa, incluindo suas formas de abordagem, foi, evidentemente, construída ao longo da pesquisa e marca, de certo modo, a trajetória de vários trabalhos que atualmente oriento e com os quais eu mantenho muitos pontos de diálogo: entre eles, gostaria de mencionar o mestrado de Rozana Miziara, que por meio do estudo das trajetórias do lixo nesta cidade também aceitou o desafio de pesquisar objetos aparentemente desprezíveis, segundo uma atenção espe-

cial às relações entre tecnologia e sensibilidade. Neste trabalho, foi possível perceber o quanto essas relações vão ocupando, cada vez, novos espaços urbanos. Com o doutorando Luis Soares de Camargo, aprendo sem cessar sobre o espaço do arquivo e aquele da aversão aos ditos objetos e sentimentos aparentemente sem história nesta cidade, especialmente a morte e as relações com o corpo dos habitantes pobres em seus momentos de higiene e de cuidados com a saúde. Com Kenia Rios sou lançada para a diversidade de trajetos opacos trilhados por pessoas excluídas e, contudo, amplamente úteis para os mais diversos fins ao planejamento urbano.

Mas a preocupação com a água, tema que estudo atualmente, é também uma preocupação que se enquadra na religião do progresso. Essa religião tem seus mestres: médicos, arquitetos e engenheiros. Ela também tem seus templos – casas de banho, encanamentos, aquedutos – e, como não poderia deixar de ser, ela tem seus fiéis e seus críticos. Nesse sentido, com os trabalhos de Afonsina, José Tanísio e Antonio Luís, de modos diferentes, sou confrontada à fragilidade das propostas de criar uma cidade moderna, incluindo a diversidade de itinerários culturais que destas propostas escapam e são represadas não exatamente onde menos esperamos (o que ainda poderia apresentar alguma facilidade ao historiador, considerando que há sempre diante dele o risco de se deixar seduzir exclusivamente pelo que parece ser inédito), mas, sim, na banalidade das experiências que convivem com o que é aparentemente conhecido. Por isso, com esses trabalhos percebo o quanto nem sempre são os acontecimentos julgados extraordinários que trazem a resistência e a complexidade para o historiador.

Trabalhando de algum modo sobre os embates e as relações entre corpo e cidade, todos esses trabalhos me fortalecem a questionar esse sonho de ser moderno a qualquer preço, caro às defesas da conquista pelo conforto na cidade, e indicam o quanto esse sonho teve que contar com a recuperação de mitos e costumes antigos, aliás, em nada modernos, e aos quais, muitas vezes, nós só fornecemos crédito quando eles aparecem no cinema ou na televisão. Assim com os trabalhos, Roger e aquele de Luís Henrique consigo situar as dificuldades de tornar visível o processo de produção de objetos técnicos que parecem sem história, tais como a câmera de filmar, e que, no entanto, criam imagens da cidade e paisagens nem sempre confortáveis e fáceis de penetrar.

Resta por fim dizer que a água, como fluido presente nos corpos vivos e no corpo da cidade, é na verdade um objeto por excelência situado entre natureza e cultura, tal como venho trabalhando junto a diversos alunos do Pós-Graduação no Seminário Temático que ministro este semestre, intitulado “Entre natureza e cultura”.